

www.anpromis.pt

ENTREVISTA

«O milho nacional é de excelente qualidade»
Cristina Sousa, IACA

REPORTAGEM

Cersul – uma história de sucesso com 25 anos

GREENING

Portugal apresenta alternativa a Bruxelas





AS RAZÕES QUE A RAZÃO CONHECE

Analisando os dados referentes à campanha agrícola 2015 constatamos uma redução da área de milho semeada em Portugal de 10.248ha face a 2014. À Anpromis, enquanto associação que representa o setor, cabe refletir, analisar as razões e propor medidas para reagirmos enquanto Fileira, a esta conjuntura menos favorável. Primeiro as razões. A crescente volatilidade das cotações no mercado mundial de cereais levou a que no espaço de duas campanhas agrícolas o preço do milho tivesse sofrido uma redução de cerca de 25%, inviabilizando a cultura do milho em certas zonas de produção, onde os custos de exploração são mais elevados e as produtividades por hectare inferiores. As consequências da baixa remuneração do milho fizeram-se sentir também na zona do empreendimento de fins múltiplos de Alqueva, onde a área de milho diminuiu cerca de 20%, para 5.152ha. Neste particular, não podemos deixar de lembrar o elevado preço da água que é cobrado em vastas áreas deste aproveitamento hidroagrícola, tornando inviável a instalação de inúmeras culturas regadas nesta região, entre as quais o milho, mormente em anos de baixos preços.

Ainda as razões. As maiores reduções de área verificaram-se nos distritos do Porto (menos 1.825ha) e de Santarém (menos 1.434ha), duas zonas onde a cultura do milho é mais intensiva. De facto, as obrigações de diversificação cultural impostas pelas medidas do Greening conduziram, tal como se receava, a uma significativa diminuição da área semeada com milho nestas zonas.

Enquanto produtores do Sul da Europa, sabemos que a via para competir no mercado global é aumentando a eficiência das nossas explorações agrícolas. Neste particular destaco o trabalho técnico que a Anpromis está a levar a cabo na Estação Experimental António Teixeira, em conjunto com entidades públicas e privadas, cujo objetivo é melhorar o itinerário cultural do milho, produzindo mais e melhor com menos recursos.

A qualidade, e a sua justa remuneração, deve também ser trabalhada a jusante da produção, em diálogo com a

indústria nacional. Regozijo-me com as palavras da presidente da IACA, Eng^a Cristina Sousa, entrevistada nesta newsletter, a quem desde já manifesto total disponibilidade da ANPROMIS para encontrarmos soluções conjuntas que valorizem o milho nacional, garantindo um aprovisionamento de proximidade à indústria.

Por último, cabe referir que este deve ser um desígnio nacional, que mobilize o atual e os futuros Governos. Lamentamos que o PDR2020 não tenha criado instrumentos que permitam continuar a fomentar de forma decidida a concentração e a comercialização dos cereais através das Organizações de Produtores reconhecidas. Mas estamos em crer que ainda há tempo para reagir em prol do reforço da capacidade organizativa da produção, que tem sido uma bandeira do atual Governo e da PAC.

José Luís Lopes, Diretor da Anpromis

PORTUGAL APRESENTA ALTERNATIVA AO CUMPRIMENTO DO GREENING

O Ministério da Agricultura e do Mar apresentou no passado dia 1 de Julho, à Comissão Europeia, uma proposta que visa implementar um sistema de certificação ambiental no *Greening*, para as explorações especializadas em milho ou tomate. O objetivo desta proposta, que contou desde a primeira hora com o envolvimento da ANPROMIS, é dispensar as explorações especializadas em milho, com mais de 30 hectares, de cumprirem a obrigação da prática da diversificação cultural prevista no *Greening*, substituindo-a por uma certificação ambiental. Este processo de certificação deverá ser confirmado por um organismo de controlo reconhecido e obriga à cobertura do solo no período de Outono/Inverno, com uma cultura de uma lista a divulgar oportunamente. Tendo em conta a relevância desta proposta, a ANPROMIS prevê divulgar este documento logo que seja aprovado pela Comissão Europeia. •





«O MILHO NACIONAL É DE EXCELENTE QUALIDADE»

A indústria nacional de rações reconhece a qualidade superior do milho português e está disposta a melhorar a remuneração da matéria-prima nacional. Para que tal se concretize Cristina Sousa, presidente da Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais (IACA), desafia os produtores a segmentar e classificar a qualidade do milho e exorta toda a fileira a valorizar o produto nacional.

Qual o retrato da IACA?

A IACA tem de mais de 40 anos de existência e 52 associados (alimentos compostos e pré-misturas), representando cerca de 80% da produção de rações em Portugal. É uma associação com um trabalho muito interessante nas últimas décadas e que consegue ser ouvida de forma transversal em toda a Fileira.

Qual a evolução da procura de alimentos compostos para animais? O clima económico favoreceu melhorias de mercado no primeiro semestre de 2015?

Nos últimos 7 anos verificou-se uma quebra consecutiva da produção, no entanto, neste primeiro semestre de 2015, temos uma produção acumulada relativamente estável face ao ano passado. Não penso que esta estabilidade tenha a ver com a melhoria do clima económico, de facto, apesar dos indicadores favoráveis, isso não se sente na chamada “economia real”. Estamos muito preocupados com o futuro, designadamente pelas crises nos setores dos suínos e do leite (embargo da Rússia e fim das quotas leiteiras).

A balança comercial de alimentos transformados para animais é desfavorável - 279 999 ton importadas vs. 64 640 ton exportadas (dados de 2012). O que explica este facto?

O défice da balança comercial de rações é justificado sobretudo pela importação de alimentos para animais de companhia, vulgo pet food, no entanto, esta situação está a sofrer alterações e existem neste momento grandes investimentos em novas unidades fabris. Noutros tipos de rações, a importação faz-se sobretudo nas zonas de fronteira, de fábricas espanholas. Temos a questão do IVA, na pet food, que penaliza a produção nacional (23% em Portugal contra 6% em Espanha, por exemplo) e contra a qual nos temos batido, no sentido de combater a concorrência desleal e potenciar os nossos produtos, criando riqueza, emprego e gerando valor.

Qual a estratégia da IACA para inverter o défice da balança comercial?

A nossa estratégia tem sido pensar como Fileira, tendo-nos empenhado em elaborar documentos e posições conjuntas no sentido de valorizar a produção nacional; mitigar os estrangulamentos; resolver barreiras junto do Governo, quer situações que se colocam no mercado interno (ambiente, licenciamentos, qualidade e aprovisionamento de matérias-primas), quer externo (apoios à exportação). A dependência de matérias-primas é um grave estrangulamento e acreditamos que Portugal tem condições para reduzir essa dependência, sendo o milho um bom exemplo.

Qual o volume de milho transformado pelas indústrias representadas pela IACA em 2014?

Em 2014 o consumo dos nossos Associados situou-se em 1.3 milhões de tons de milho, 76% do total de consumo de cereais (1.7 milhões de tons). Refira-se que devido ao problema dos OGM e à política de aprovação de eventos na União Europeia, praticamente deixamos de utilizar corn glúten feed e DDGS, criando maior pressão sobre o consumo de cereais que representam cerca de 58% do consumo de matérias-primas em Portugal. Regressámos aos tempos em que a Indústria tinha poucas matérias-primas ao seu dispor, o que limita a competitividade do sector que necessita de diversificar fontes e origens.

Como tem evoluído o autoabastecimento de matérias-primas em Portugal pela indústria nos últimos anos, nomeadamente no que respeita ao milho?

As importações são elevadas, da ordem dos 80% e é sabido que a dependência gera vulnerabilidade e instabilidade, torna-nos mais expostos à especulação e às perturbações no mercado mundial. Temos vindo a assistir a uma melhoria no abastecimento de milho nacional, que tradicionalmente assegurava 3 meses de consumo, e é nesse caminho que devemos prosseguir, apostando mais na contratualização de matérias-primas e na sua padronização/especificação. O milho é uma matéria-prima muito importante na formulação das rações e tem vindo a ter um incremento de produção muito interessante nos últimos anos, fruto dos investimentos na zona de Alqueva e em outras regiões do país. Estamos a caminhar lentamente para a redução da dependência da importação de milho. Têm existido investimentos em secadores, o que é um aspeto muito positivo, inclusivamente para a relação entre fábricas e produtores. Tudo faremos no sentido de colaborar com os produtores nacionais de milho para que o nosso autoaprovisionamento possa aumentar.

Portugal não tem especial preferência pela origem do milho que consome, priorizando preço em detrimento da qualidade e de uma parceria comercial estável. Concorda com esta afirmação no que respeita aos industriais representados na IACA?

O milho nacional, já o dissemos publicamente por diversas vezes, é de excelente qualidade e a produção nacional não tem qualquer problema no seu escoamento. Aliás, nota-se na performance dos animais e nos seus índices de conversão, quando termina o milho nacional e utilizamos o milho importado, maioritariamente da Ucrânia, onde muitas vezes temos problemas e essa tem sido uma prioridade na relação com os importadores, garantir melhor qualidade no milho que recebemos em Portugal. Preferimos o milho nacional porque tem um circuito muito mais curto do que o milho importado até chegar à fábrica, portanto com menores possibilidades de se partir e contaminar.

A indústria está disposta a remunerar melhor o milho português?

Como referimos recentemente numa Conferência da ACICO, penso que a Indústria estará disposta a remunerar melhor o preço do milho até um determinado nível de preço que consigamos repercutir em toda a cadeia, mas sem prejudicar as margens das indústrias que já são muito estreitas. Temos é que definir parâmetros de qualidade, contratualizá-los e exigir que sejamos abastecidos de acordo com o que está estabelecido, com bonificações e penalizações, protegendo desta forma problemas nutricionais e de segurança alimentar. Não existe outro caminho para criar uma Fileira sustentável e de confiança para os consumidores. Há um trabalho que tem de ser feito com a ANPROMIS e estamos disponíveis para o fazer, mas é preciso que os produtores segmentem a qualidade do milho e o classifiquem e que os nossos clientes valorizem também esse acréscimo de custo para a Indústria. A Fileira, toda ela, tem de valorizar o produto nacional e o facto de termos um aprovisionamento “de proximidade”, que é naturalmente melhor controlado. Estamos disponíveis para, em conjunto com a ANPROMIS, avançarmos para esse trabalho conjunto.

Explique o que é o projeto QUALIACA?

A ideia do projeto QUALIACA surgiu há vários anos e visa o controlo de qualidade das matérias-primas usadas pela indústria de alimentos compostos para animais, provenientes de países terceiros. Presentemente não há uma noção aprofundada e global da qualidade das matérias-primas que recebemos em Portugal e este é também

um aspeto importante, avaliar e ter um histórico da qualidade das matérias-primas que darão origem a alimentos para animais, os quais por sua vez servirão para alimentar pessoas. Tudo numa visão global da cadeia alimentar e sempre com o objetivo de evitar uma crise alimentar.

Em que ponto esta a execução do QUALIACA?

O projeto QUALIACA tem estado no último ano numa fase negocial entre a Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), a IACA e a Associação Nacional de Armazenistas Comerciantes e Importadores de Cereais e Oleaginosas (ACICO). Seria vantajoso para a cadeia alimentar a presença de todos os operadores do mercado que interferem diretamente com estes produtos. No entanto, as negociações têm sido muito difíceis, temos tido muita resistência por parte dos nossos fornecedores/importadores de matérias-primas, e não foi ainda possível avançar. Caso as negociações falhem, avançaremos sozinhos ou com a DGAV, caso haja vontade política das autoridades, porque técnica sabemos que há. Independentemente da forma como será levado a cabo, não haverá mais adiamentos e pretendemos avançar no segundo semestre de 2015.

O controlo também vai abranger as matérias-primas com origem na UE e em Portugal?

Numa primeira fase o objetivo é avaliar a qualidade das matérias-primas provenientes de países terceiros, posteriormente avançaremos para a avaliação das matérias-primas provenientes de trocas intracomunitárias e produzidas em Portugal.

O equilíbrio no relacionamento com as cadeias de distribuição, a promoção da produção pecuária e do consumo de produtos de origem nacional são grandes linhas de ação da IACA. O que tem sido feito nestas matérias?

Uma vez mais não podemos atuar isolados e olhar para o nosso umbigo, os problemas de uns são os problemas de todos. Nesta matéria, para além de assumirmos posições e documentos conjuntos no âmbito da Plataforma Pecuária e Agroalimentar, estamos presentes na PARCA, através da FIPA, e nas reuniões que tivemos com a APED, temos defendido que nos contratos sejam indexadas as variações de preços de matérias-primas como o milho e a soja.

A IACA é membro da FEFAC- Federação Europeia dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais. Que conquistas tem conseguido para a fileira portuguesa dos alimentos para animais?

Os dossiers são complexos mas temos tentado, em conjunto com os países do Sul, defender as políticas em que acreditamos ao nível dos apoios aos mercados (suínos ou leite); o problema dos OGM; dos alimentos medicamentosos e resistência antimicrobiana; nas relações com a grande distribuição; o aprovisionamento de matérias-primas e uma questão fulcral que é o deficit de proteína. Estivemos particularmente envolvidos na reforma da PAC pós 2013 e estamos muito ativos neste momento na oposição à proposta da Comissão sobre a nacionalização dos OGM. •

O SETOR DAS RAÇÕES

3,0 M ton

produção rações em Portugal*

1,3 M ton

consumo milho na indústria associada (2014)*

14 %

quebra da produção de rações na última década*

450.000 ton

consumo milho português na indústria (2014)**

1,7 M ton

consumo cereais na indústria (2014)*

1.5 mil milhões de €

Volume negócios indústria rações (2014)

58 %

das matérias-primas usadas na indústria são cereais

13 %

do volume de negócios do total da indústria Agroalimentar (IAA)

*Dados relativos aos associados da IACA / **estimativa



CERSUL - UMA HISTÓRIA DE SUCESSO COM 25 ANOS

A Cersul - Agrupamento de Produtores do Sul S.A. congrega 150 acionistas unidos em torno de um objetivo comum: valorizar a produção através da qualidade e da diferenciação. Uma visão estratégica partilhada pelos cinco membros do Conselho de Administração.

«A Cersul nasceu pelo milho e tem sido uma história de sucesso. Em 25 anos aumentámos a produtividade da cultura entre 50% a 60%, para uma média de 15 toneladas/hectare», conta Luís Bulhão Martins, presidente do Conselho de Administração, enquanto nos conduz numa visita guiada pelo concelho de Elvas, onde se situa a sede da Cersul, mais concretamente em Santa Eulália. A fundação da Cersul ocorre em Dezembro de 1990 por vontade de um grupo de 30 agricultores liderados por José Luís Rasquilha, fundador e primeiro presidente do agrupamento. Além de Elvas e concelhos limítrofes, o agrupamento reúne agricultores de Portalegre, Évora e Beja, cujas explorações agrícolas são bastante diversificadas - cereais, vinha, olivais, culturas hortícolas, pomares e produção pecuária extensiva -, um trunfo que tem permitido superar crises de preços e equilibrar as contas das empresas. O volume de negócios da Cersul ronda os 18 milhões de euros (em 2014, incluindo a venda de fatores de produção).

Em duas décadas e meia o país mudou e a Cersul acompanhou as tendências, tomando decisões assertivas e dando passos pioneiros. O primeiro, e eventualmente o mais importante, foi a aposta em capacidade de armazenamento para 100% da produção de cereais dos seus acionistas, através da construção de silos próprios e da concessão dos antigos silos da EPAC em Elvas. Este tem sido um fator chave na estratégia comercial do agrupamento, garantindo-lhe uma posição negocial mais confortável junto dos clientes e alguma tranquilidade em

Laboratório da Cersul analisa trigo para panificação

À chegada à Cersul o trigo mole é separado por lotes com base no teor de proteína, são recolhidas amostras e realizadas análises no laboratório do agrupamento. O trigo é acondicionado a 16% de humidade, repousa 24 horas, segue-se a moagem dupla - primeiro o grão e depois a sêmola - e a medição da humidade da farinha. No alveograma a farinha é amassada e passa à câmara de repouso. Moldam-se bolachas de massa, sujeitas a insuflação de ar, com vista a apurar o índice de força e a extensibilidade da farinha, os critérios que permitem caracterizar a qualidade dos lotes de trigo.

anos de preços baixos, de que é exemplo o ano transato. «Estamos agora a finalizar a comercialização do milho colhido em 2014, tendo distribuído a venda da produção de modo equitativo pelos 10 meses em que operámos. Algo que só é possível graças à nossa capacidade de armazenamento e de financiamento», garante o presidente deste agrupamento que pertence ao Conselho Geral da Anpromis.

O apoio técnico à produção e a rápida difusão da informação, sobre políticas, preços e mercados, aos associados são cruciais no sucesso do agrupamento e têm-lhe garantido uma fidelização quase total dos 150 acionistas. O pioneirismo da Cersul adveio-lhe da necessidade de valorizar a produção e fê-lo por via da diferenciação, desde logo separando os cereais por lotes homogêneos de qualidade. No caso do milho, a Cersul consegue, por exemplo, separar o milho OGM do milho convencional, fornecendo milho não-OGM de forma garantida aos clientes que o exigem. Um requisito de qualidade que consegue com cuidados muito especiais na produção, colheita e armazenamento deste cereal. Milho para *gritiz* ou para pet food são outros destinos para a produção.

Baby food e farinhas melhoradas

A Cersul prioriza segmentos de mercado que remuneram melhor as matérias-primas dos produtores. É o caso dos cereais usados na elaboração de alimentos para bebé, que vende a multinacionais como a Nestlé, cumprindo um itinerário cultural praticamente isento de pesticidas e uso reduzido de fertilizantes. À indústria de panificação fornece trigos corretores ou melhoradores, introduzidos em pequena percentagem nos lotes de farinha. À saída para as fábricas, a Cersul tem uma ideia precisa da qualidade do trigo mole que fornece, uma vez que os lotes são previamente caracterizados e definidos no seu laboratório em Santa Eulália. No tocante à cevada cervejeira o historial de relação com a indústria é também muito promissor.

«Temos sido relativamente bem sucedidos, embora num mercado muito competitivo e extremamente aberto às importações, em que a produção nacional é pouco ou nada protegida», comenta Luís Bulhão Martins, criticando a «timidez» dos apoios à concentração da produção no âmbito do PDR2020: «os apoios existem sob a forma de majoração em projetos de investimento ou de medidas agroambientais, mas não assumem nem o papel, nem o valor que tinham no anterior QCA», explica o também diretor da Anpromis, defendendo que «é necessário apoiar mais a produção nacional e inclusive dirigir melhor alguns apoios públicos para o aumento da capacidade

de armazenamento de cereais, o que reforçará a nossa capacidade negocial».

A localização geográfica em Elvas, a uma distância mínima de 150 kms das principais fábricas nacionais, é uma desvantagem que a Cersul tem resolvido através da diversificação das vendas de cereais a fábricas espanholas mais próximas. «Em alguns anos os clientes espanhóis conseguem valorizar melhor o nosso milho do que o mercado português. Suponho que este vai ser um desses anos, nomeadamente nas colheitas mais precoces, pois na Extremadura espanhola a área de milho baixou de forma notória», explica Luís Bulhão Martins, lamentando a falta de apoios às empresas do Centro e Norte do Alentejo interior. •

Associação de Agricultores para a Agricultura de Precisão

A Cersul acaba de promover a constituição da Associação de Agricultores para a Agricultura de Precisão dotada de um corpo técnico próprio, com vista a prestar assistência técnica aos seus associados no âmbito do PDR2020 e das medidas agroambientais. Esta surge por força da impossibilidade de os Agrupamentos de Produtores realizarem estas funções, por imposição de recente legislação nacional.



ANPROMIS PARTICIPA EM REUNIÃO DA CEPM NA ROMÉLIA

A ANPROMIS participou, a 1 e 2 de Julho, em mais uma reunião do Conselho de Administração da CEPM (Confederação Europeia de Produtores de Milho), da qual o Eng.º Luís Vasconcellos e Souza é Vice-Presidente. Durante esta iniciativa discutiram-se alguns dos temas que mais preocupam os produtores europeus de milho, nomeadamente a volatilidade das cotações no mercado mundial de cereais e as normas de aplicação da PAC 2015-2020. No segundo dia do Encontro foram efetuadas diversas visitas a explorações agrícolas romenas, onde se pôde avaliar *in loco* o elevado potencial agrícola deste país, que possui cerca de 2,6 milhões de hectares de milho, dos quais apenas 200 mil hectares são beneficiados pelo regadio. A produção média de milho obtida por hectare, nas explorações visitadas, ronda as 10 toneladas, em sequeiro. •

DIA DE CAMPO NA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL ANTÓNIO TEIXEIRA

1 Setembro, Coruche

A ANPROMIS vai promover no próximo dia **1 de Setembro**, pelas 10h00, um Dia de Campo na Estação Experimental António Teixeira, em Coruche, que contará com a presença, entre outros, da Ministra da Agricultura, Assunção Cristas. Esta jornada dá continuidade ao trabalho de dinamização da cultura do milho na Estação Experimental António Teixeira, em Coruche, onde a ANPROMIS instalou em 2014 diversos campos de ensaio de milho que permitem aprofundar assuntos tão relevantes para esta fileira como o estudo da cefaloporoze ou a eficiência dos sistemas de rega.

Este ano, além dos ensaios levados a cabo sob o pivot de rega, que contou com a participação das empresas Agrovete, Dekalb, Lusosem, Maisadour, Pioneer, RAGT-Hubel e Syngenta, ao nível das sementes, Bayer, SAPEC e Syngenta, ao nível dos herbicidas, e ADP, CADUBAL/Yara, Nutrofertel e TimacAgro, ao nível dos fertilizantes, também participaram as empresas IMPERREGAS e NAANDANJAIN Irrigation que instalaram um sistema de gota a gota enterrada a 35 cm, numa área com cerca de 5 hectares, cujos resultados poderão ser avaliados *in loco*, neste Dia de Campo.

Recordamos que este projecto resulta de um protocolo de colaboração técnico-científica assinado em 2013 com o INIAV



Newsletter da ANPROMIS- Associação Nacional dos Produtores de Milho e Sorgo
Reprodução proibida sem autorização prévia do proprietário
Rua Mestre Lima de Freitas, n.º 1 - 5.º andar | 1549-012 Lisboa
tel. +351 210 100 035 | fax +351 217 100 026
anpromis@anpromis.pt | www.anpromis.pt
Coordenação e Redação: Comunicland Lda | Projeto Gráfico: Catarina Martins

CONSELHO GERAL DA ANPROMIS: AGROMAIS | CADOVA | CAPP | CDA | CERSUL | COOPERATIVA AGRÍCOLA DE BEJA E BRINCHES | GLOBAL-MILHO | COOPERATIVA AGRÍCOLA DE COIMBA | SEARALTO | TERRAMILHO

(Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária), pelo período de 8 anos, que tem por objectivo dinamizar estudos, atividades e projetos no âmbito das culturas do milho e do sorgo, naquela Estação. •

DIA DE CAMPO MAIS MILHO

3 de Setembro, Golegã

Vai ter lugar no próximo dia 3 de Setembro, mais um Dia Aberto do projecto *MaisMilho*. Destinado a produtores, técnicos agrícolas e demais profissionais ligados à fileira do milho. Esta ação vai contar com várias visitas guiadas aos diversos campos de ensaio, onde vai ser possível analisar as várias opções escolhidas para tentar minimizar os estragos provocados pela *Cefaloporoze*. Recordamos que este projeto iniciou-se em 2013 e resulta de uma parceria entre a Agromais, a consultora Manuela Varela Unipessoal e a ANPROMIS. •

COTAÇÕES

COTAÇÕES - MILHO (€/TON.)

	27/07 2015	25/07 2014		Var. %
Rendu Bordéus	163 €	146 €	↑	12%
FOB Odessa Ucrânia	176 €	136 €	↑	29%
FOB Argentina Up River	150 €	142 €	↑	6%
FOB USA Golfo do México	164 €	149 €	↑	10%

COTAÇÕES - LEITE À PRODUÇÃO (€/100KG)

	06/2015	06/2014		Var. %
Portugal	29,0 €	34,3 €	↓	-15%
França	31,2 €	35,8 €	↓	-13%
UE 28 (Média)	30,5 €	37,7 €	↓	-19%

ÍNDICES DE COTAÇÕES FACTORES DE PRODUÇÃO

	29/07 2015		Var. %
Adubos	Cloreto de Potássio	104	↑ 4%
	DAP	115	↑ 15%
	Solução Azotada	88	↓ -12%
Combustível	Gasóleo Agrícola	86	↓ -14%
Herbicida	Glifosato	102	↑ 2%
Sementes	FAO 600 (saco c/50.000 sementes)	97	↓ -3%

Índice de cotações: mede a evolução das cotações no período de 1/1/2013 a 29/7/2015

PRODUÇÃO MUNDIAL DE MILHO (MILHÕES DE TONELADAS)

	2015/16*	2014/15		Var. %
Produção	963	999	↓	-4%
Comércio	121	120	↑	1%
Consumo	976	974	↑	-
Stocks Finais	188	201	↓	-6%

* projecção